
AUTOBIBLIOGRAFIA DE SEBASTIÃO CRISÓSTOMO DE NEGREIROS (ZOTINHO)

Capítulo 2 – A FAMÍLIA

	Página
1 – MEUS AVÓS	2
2 – MEUS PAIS	3
3 – MINHA ESPOSA	3
4 – MEUS IRMÃOS	4
5 – TIO JOÃO DO MORRO	5

Transcrito do Diário do Vovô Zotinho por:
José Nilton de Paiva e Joselisa Péres Queiroz de Paiva

Sugestões, comentários, críticas e/ou complementações (relatos e causos) favor enviá-los para:

E-Mail: joselisa@terra.com.br

Endereço: Rua Benedito Calixto, 167 – Apto 15 - Bairro Gonzaguinha

CEP 11320-070 – São Vicente / SP

Tel.: (13) 3469-8004

CAPÍTULO 2 – A FAMÍLIA

1 – MEUS AVÔS

Meu avô Antônio José Negreiros (Vovô Tonico) e minha avó Maria do Carmo Capistrano de Negreiros moravam na “Casa Grande”.

“Casa Grande”, era esse o nome que se dava naquela época às sedes de fazenda onde residia o senhor das posses e de muitos escravos negros, índios e mamelucos. Estava localizada entre duas imponentes montanhas, ramificações da Mantiqueira. Ali, dávamos o nome de “Pintos dos Negreiros”. Pela frente leste da casa era a Serra Negra com quase 1.600 metros. Nos fundos, oeste, a “Serra do Campo Feio”. Ambas das ramificações da cordilheira principal, a Mantiqueira, distante desta apenas uns 20 quilômetros. Apesar de ficar num vale profundo e amplo, a altitude desse recanto é de mais de 1100 metros, a temperatura máxima costuma ficar em 18 °C e a mínima pode chegar a -5 °C. é a região mais fria do Estado de Minas Gerais, próxima à divisa norte do Estado de São Paulo. Nasci ali naquela “Casa Grande”, vivi quase a vida toda pelos arredores ou nela mesma.



Casamento dos Alemães (em frente à Casa Grande):

Em pé (1ª Fila): Zé Gorgulho e esposa Ana, Maria Rita Vilena, Sebastião Negreiros, Vovô Tonico, Maria Imaculada, João do Morro e filha Catarina Gorgulho, Anita e esposo Antonio Gorgulho, Zé Bráulio.

Em pé (2ª Fila): Inês Negreiros, Doca e Maria Fernandes (irmãs da Anita), Maria da Gloria Gorgulho. Sentados: Frei Camilo, Sinhá e Augusto Lauer, Tia Carmita e Carlos Lauer, Maria do Carmo Gorgulho e Rodolfo Lauer, Frei _____.

A fazenda de meu avô era uma área enorme, 1500 alqueires mineiros, quase toda a encosta da Serra do Campo Feio, a grande várzea e ainda uma parte da Serra Negra. Meus avós fizeram doação em vida de 100 alqueires para cada um dos seus 10 filhos, ficando com a 3ª parte para viverem. Deixaram um testamento, sendo que o seu filho Sebastião, meu pai, foi designado o testamenteiro, por morte dos dois. Para baixo da Casa Grande, desce um ribeirão, pelo meio de uma grande várzea de quase 100 alqueires, que era da 3ª parte de meus avós. Ali morava o povo todo: parentes e arrendeiros, com direito a criarem o que quiserem. O arrendo era uma semana de serviço por ano, com direito a fazerem as benfeitorias: paiol, chiqueiro e horta.

Na Casa Grande morava também a Tia Antônia Negreiros Gondim, casada com Manuel Gondim, com os filhos: Maria do Espírito Santo, Maria do Carmo, Maria Isabel, Maria Augusta, Maria Antonia, Maria Eládia, José Olegário, Círio e Zacarias Gondim.

As irmãs de meu avô Negreiros, Tias Artininha, Ana Emília e Tereza ficaram todas viúvas. Ana Emília tinha um filho: Antonio Modesto Negreiros

2 – MEUS PAIS

Meus pais foram Sebastião Capistrano de Negreiros e Maria José Gorgulho de Negreiros. Meu pai, Sebastião, na intimidade simplesmente Tião, era homem instruído e atirado aos empreendimentos. Gostava de militar na política da época. Bom orador, sempre abria polêmicas com as pessoas mais cultas. Estudara até concluir o nível médio. Naquela época era quase o máximo que se podia exigir de um literato. Estudou interno no colégio de Mariana, o mais famoso na ocasião. Meu pai foi o filho que nunca quis sair dos Pintos, sempre trabalhando junto com o pai dele na Casa Grande. Meu avô tinha muita confiança nele, para tudo, do machado ao gabinete.

Minha mãe era uma mulher muito boa, de muita fé e caridosa, era muito estimada, todos a queriam bem. Muito trabalhou na construção do Rosário. A imagem de Nossa Senhora do Rosário e a de São José, com um metro e vinte, que está no altar da igreja, foram doados por ela. Era uma mulher forte e trabalhadora e gostava muito da roça. Lembro-me, quando menino, toda semana ela me levava para a roça, juntamente com Goica e Carmita, em um bom rancho beirachão. Lá passava a semana cozinhando para os camaradas e voltava sábado para casa.

3 – MINHA ESPOSA: Maria de Jesús Nogueira



Minha boa esposa Maria era filha de Escolástica Nogueira e Teófilo Luiz Gonçalves. Era um anjo, mulher de muita fé, sabia fazer tudo com gosto e perfeição. Desde menina ela fazia as nove sextas feiras. Casando, ela continuou comungando nas nove sexta feiras. Ela não esteve na escola, aprendeu a ler e a escrever em casa com sua mãe. Com seus livros de rezas e com os evangelhos explicados pelos vigários, ela sabia a religião melhor do que eu que estudei no seminário.

Mulher forte, de muita saúde e trabalhadeira. Quando menina comprou uma maquina Singer, pagando em prestações, com seu próprio serviço. Aprendeu a costurar para homens e mulheres. Era a costureira da família e dos vizinhos. E a dita máquina eu conservo até hoje, em perfeito estado. Para a Maria não tinha tempo ruim. Mansa e humilde de coração, sempre dizia:

- Tudo que Deus faz é para melhor.



Casamento Tia Donana e Antônio Bernadino

4 – MEUS IRMÃOS

Dos meus irmãos eu era o mais velho. Do primeiro matrimônio com minha mãe Maria José Gorgulho Negreiros, os meus irmãos são: Maria da Glória (Goica), Maria do Carmo (Carmita), Antônio José (Niquinho), João e José Bartolomeu. Do 2º matrimônio com Lavínia Negreiros tem só um: José Maria. Com a 3º esposa Maria Rita Vilhena Negreiros são cinco: José Augusto, Afonso, Tomás, Maria Tereza e Maria (Irmã Ângela) e duas que são irmãs dos meus irmãos: Inês e Cinhá.

Niquinho foi farmacêutico na Encruzilhada, onde o Padre José Augusto era o vigário. Niquinho, casado com Otacília Ferrera Negreiros, tiveram os filhos: Laerte, Evaldo, José Neves, Everaldo, Hugo, Roberto, Maria Ângela, Terezinha e Heloiza.

Goica, casada com Dotte Otello, com os filhos Valter, José Dotte, Moacir, Rômulo, Sebastião e Ana Maria.

Minha irmã Carmita, casada com Carlos Lauer, com os filhos Eduardo e Alda.

João, casado com Nair Fernandes, com os filhos Juarez, José, Sebastião, João, Antônio, Maria José e Maria Aparecida.

José Bartolomeu, casado com Lourdes Bustamonte Negreiros, com os filhos: Célio, Sebastião, Artemiro, Ondina, Alair, Alda, Bernadete, Margarida, Ilma e Maria Tereza.

5 – TIO JOÃO DO MORRO

Lá em baixo, no fim da várzea tinha início uma outra grande área: era a de meu tio-avô Tenente João Negreiros, irmão do meu avô paterno. Esta fazenda pertencera antes a José Noronha Gorgulho e Maria da Glória Capistrano Gorgulho, meus avós maternos. Tinham eles somente dois filhos: Maria José Gorgulho de Negreiros, minha mãe e João Capistrano Gorgulho, meu tio, mais conhecido como João do Morro.

Não sei qual dos dois era o mais velho, se meu tio João do Morro ou minha mãe. A diferença de idade entre os dois era pequena. Sei, no entanto, que perderam a mãe quando ainda eram muito crianças. Minha mãe contou que quando o pai também morreu, João do Morro tinha apenas 11 anos de idade.

João do Morro, naquela época, fazia parte de uma bandinha de musica que formaram ali na Casa Grande. Tocava clarinete. Contam que quando morreu seu pai, José Noronha Gorgulho, convidaram o maestro da bandinha para ir tocar no enterro. Ele impôs a condição: – Só se o João for tocar. Ele foi e tocou com as lagrimas descendo.

Tio João do Morro era amigo inseparável de meu pai Sebastião. Pudera! Eram amigos desde a infância, nunca se separaram, sempre viveram e trabalharam nos arredores da Casa Grande, primos e cunhados três vezes.

De fato, meu saudoso tio, era homem boníssimo, honrado, virtuoso e muito inteligente. Sempre alegre! “Curioso”, como o povo dizia, tudo ele sabia fazer e fazia mesmo. Era para colocar uma porteira, tirar goteiras do telhado, e quando as máquinas começavam a quebrar agulhas, as mulheres diziam:

– Chama o João do Morro.

E ele dava um jeito. Quando eu tinha aperto em minha escrita, chamava o tio João do Morro. Ele vinha e punha tudo em dia!

João do Morro foi meu primeiro compadre. Vim do colégio de Lorena para batizar o seu filho Gabriel, com toda a satisfação e alegria. João, meu tio três vezes, com 20 anos já tinha perdido os pais, mulher e filho. Voltando a morar com minha mãe, esperou 8 anos a sua cunhadinha que ele ajudou a criar, Maria Imaculada Gorgulho, com quem casou-se nas 2ª núpcias. Deixaram dez filhos.

João Gorgulho (João do Morro) e Maria Imaculada tiveram os filhos: José, Antônio, Gabriel, Miguel, Rafael, Maria do Carmo, Maria da Gloria, Maria Catarina, Maria de Jesus e Maria.

